

Escola adaptada é adequada para todos!

Gizela Leite¹ e Grupo AutismoS



Fonte: ABREU, André Felipe de. *Diário de uma escola*. 1. ed. Blumenau: 3 de Maio, 2018. p. 11.

Para iniciar esta temática cabe uma reflexão sobre os direitos dos alunos autistas, pois a inclusão escolar vai além da matrícula, currículo adaptado, mas também, espaço escolar acolhedor.²

A matrícula escolar para pessoas com TEA é um direito amparado por

¹ Formadora voluntária do grupo; Terapeuta Ocupacional do Centro de Educação Municipal Educação Alternativa – CEMEA/Blumenau. Graduada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Também, graduada em Enfermagem (FURB). Pós-graduanda em Saúde da Família e em Psicologia e Saúde Mental Coletiva, ambas pela Uniasselvi

² Texto escrito sobre matrícula escolar & TEA por Adriana Ferreira Silva - gestora de Mídias Sociais do Grupo AutismoS; bacharela em Direito (Uniasselvi), graduanda em pedagogia (A.C.E); pós-graduanda em Direito de família (F.G.V) e em Neuropsicopedagogia (Uniasselvi). Integrante do Encontro TEA de Timbó. Mãe de João Vitor, autista, de 21 anos.

lei. Todo indivíduo tem o direito à educação sendo ele autista ou não.

As escolas devem acolher e amparar todos, independentemente de suas condições sociais, físicas, intelectuais, emocionais, crenças etc.

A inclusão inicia na matrícula escolar, no primeiro contato entre pais, aluno e escola. A escola tem o dever de oferecer um ambiente onde os alunos autistas sintam-se acolhidos, respeitados e recebam as mesmas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento que os demais alunos.

O ambiente escolar apresenta papel fundamental, no desenvolvimento de qualquer criança, e no caso dos autistas, muito mais! Isso fará total diferença na vida acadêmica do aluno!

Nossa legislação rege que é direito da pessoa com autismo a garantia de matrícula em escola regular e, sempre que necessário, professor auxiliar em sala de aula, que deverá ser custeado pela instituição de ensino e de material adaptado, como dispõe o art. 3.º, parágrafo único da Lei 12.764/12, (Lei Berenice Piana) em casos de comprovada a necessidade.

A comprovação da necessidade pode ser feita através de laudo médico. O Decreto 8.368/14 regulamenta que acompanhante especializado é aquele que realiza apoio às atividades de comunicação, à interação social, à locomoção, à alimentação e aos cuidados pessoais da pessoa com TEA.

Nenhuma criança deve ser privada de seus direitos!

Dispomos, também, da Declaração de Salamanca (1994), reconhecida mundialmente como um dos mais importantes documentos na educação inclusiva, que enfatizava de forma quase redundante que “educação é para TODOS”.

A Constituição Federal, estabelece que a educação é dever do Estado e deve garantir, dentre outras coisas, o “atendimento educacional

especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (art.208, III).

O ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990), relativamente à educação, em seu artigo 54, III, também, assegura à criança e ao adolescente portador de deficiência, atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino.

As sanções aos gestores que negarem a matrícula a estudantes com deficiência será o pagamento de três a 20 salários mínimos e, em caso de reincidência, levará à perda do cargo.

É preciso mais do que a aprovação de uma lei, para que a inclusão seja garantida.

Deve-se rever as políticas públicas, de modo a garantir aos educadores os conhecimentos através de formações continuadas necessárias para que os alunos não só sejam matriculados, mas também tenham garantido seu direito de aprender.

A educação inclusiva é um processo contínuo e dinâmico, que implica a participação de todos os envolvidos, mobilizando o diretor, funcionários, pais e alunos, de modo a envolvê-los num todo, pela inclusão, na qual as diferenças são respeitadas e utilizadas em prol da aprendizagem e na valorização do indivíduo sendo ele autista ou não.

Para que a inclusão seja efetiva, além de questões atitudinais, são necessárias ações práticas, que reflitam esse intuito, sendo a inclusão uma consequência também de espaços que possibilitem o acesso e

permanência de todos. Pessoas de diferentes estaturas, idades, pesos corporais, com plenitude física ou com algum tipo de deficiência ou mobilidade reduzida. Seja ela permanente ou temporária.

Ou seja, a inclusão depende sim do meio em que a pessoa está. Seus acessos, informações para uma correta orientabilidade naquele espaço, equipamentos adequados a qualquer um que necessite fazer uso deles, seja a simples altura de um balcão de atendimento até um sanitário que possa ser utilizado da maneira mais independente possível.

Cerca de 30 anos atrás, nos EUA, surgiu o conceito de Desenho Universal, conceito hoje reconhecido mundialmente, que visa extinguir a necessidade da palavra “inclusão”, tornando-a desnecessária, no que se refere ao ambiente, a partir do momento que o ambiente é pensado, desde o início, para todos.

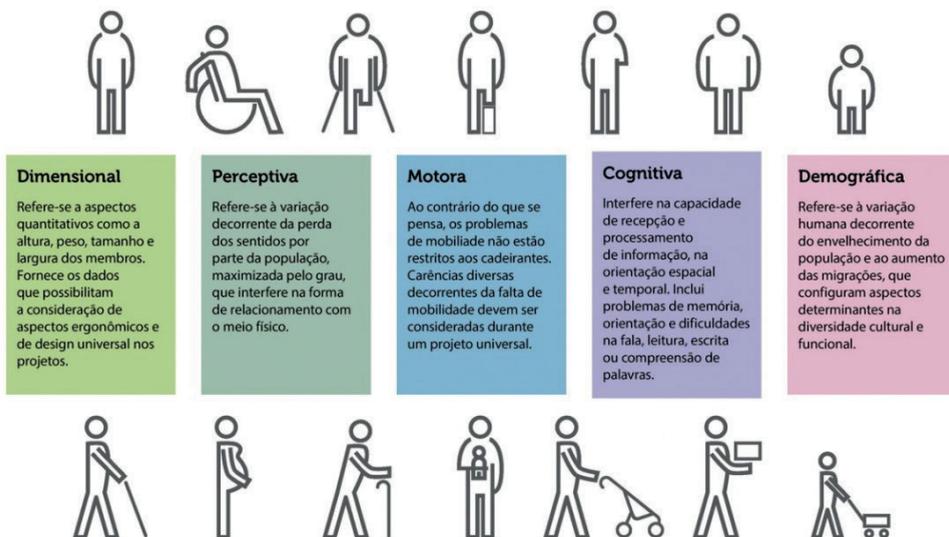
O Desenho Universal não é uma tecnologia direcionada apenas aos que dele necessitam; é desenhado para todas as pessoas. A ideia do Desenho Universal é, justamente, evitar a necessidade de ambientes e produtos especiais para pessoas com deficiências, assegurando que todos possam utilizar com segurança e autonomia os diversos espaços construídos e objetos³.

A União Europeia o adotou em 2003, fazendo, inclusive, avanços relacionados a acessibilidade, exigindo que toda edificação possa ser visitada por uma PCD (Pessoa Com Deficiência). Ou seja, é um movimento mundial, não se restringe unicamente ao nosso país. Trata-se de uma nova forma de ver as pessoas, suas particularidades, que acaba resultando em ambientes e objetos pensados para um número maior de usuários.

³ GABRILLI, Mara. Desenho Universal – Um Conceito para Todos. Disponível: https://www.maragabrilli.com.br/wp-content/uploads/2016/01/universal_web-1.pdf
Acessado: 21 de dezembro de 2019.

Diversidade Humana

A população mundial é feita de diversidades, cosmopolitanismos, simbioses de culturas e intercâmbios de conhecimentos, deixando de existir fronteiras populacionais e culturais. Segundo Santos (2009, apud CEA, 2005:301-39), a diversidade humana pode ser dividida em cinco perspectivas distintas:



Fonte: CASA ADAPTADA. Disponível em: <https://casadaptada.com.br/2015/06/infografico-diversidade-humana/>

A acessibilidade no país é norteadada pela ABNT NBR 9050 – 2015⁴ que também define as diretrizes sobre Desenho Universal baseado em 7 princípios⁵:

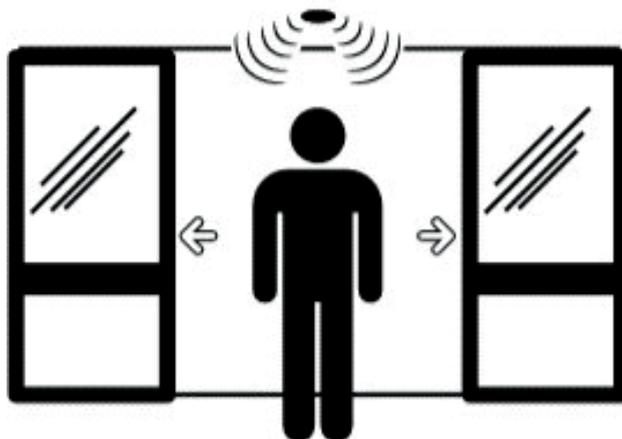
1 Uso equitativo: tornar igual, igualar. Pôr em paralelo.

- Propor espaços, objetos e produtos que possam ser utilizados por usuários com capacidades diferentes.
- Evitar segregação ou estigmatização de qualquer usuário.

⁴ Dispõe normas sobre acessibilidade a edificações e mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2015.

⁵ SÃO PAULO (PREFEITURA). Secretaria da Habitação e Desenvolvimento Urbano. Comissão Permanente de Acessibilidade. DESENHO UNIVERSAL - Habitação de Interesse Social Disponível: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Cartilhas/manual-desenho-universal.pdf> . Acessado: 21 de dezembro de 2019.

- Oferecer privacidade, segurança e proteção para todos os usuários.
 - Desenvolver e fornecer produtos atraentes para todos os usuários.
 - Portas com sensores que se abrem sem exigir força física ou alcance das mãos de usuários de alturas variadas.
-



Fonte: GABRILLI, Mara. Desenho Universal – Um Conceito para Todos. Disponível em: https://www.maragabrilli.com.br/wp-content/uploads/2016/01/universal_web-1.pdf

2 Uso flexível: que pode dobrar, curvar, alterar. Maleável, adaptável.

- Criar ambientes ou sistemas construtivos que permitam atender às necessidades de usuários com diferentes habilidades e preferências diversificadas, admitindo adequações e transformações.
- Possibilitar adaptabilidade às necessidades do usuário, de forma que as dimensões dos ambientes das construções possam ser alteradas.



Computador com teclado e mouse ou com programa do tipo “Dosvox”.



Tesoura que se adapta a destros e canhotos.

Fonte: GABRILLI, Mara. Desenho Universal – Um Conceito para Todos. Disponível em: https://www.maragabriglii.com.br/wp-content/uploads/2016/01/universal_web-1.pdf

3 Uso simples e intuitivo: que se conhece facilmente. Incontestável, claro, evidente.

- Permitir fácil compreensão e apreensão do espaço, independente da experiência do usuário, de seu grau de conhecimento, habilidade de linguagem ou nível de concentração.
- Eliminar complexidades desnecessárias e ser coerente com as expectativas e intuição do usuário.
- Disponibilizar as informações segundo a ordem de importância.



Sanitário feminino e para pessoas com deficiência.



Sanitário masculino e para pessoas com deficiência.

Fonte: GABRILLI, Mara. Desenho Universal – Um Conceito para Todos. Disponível em: https://www.maragabrilli.com.br/wp-content/uploads/2016/01/universal_web-1.pdf

4 Informação de fácil percepção: ato ou efeito de perceber. Combinação dos sentidos no reconhecimento de um objeto.

- Utilizar diferentes meios de comunicação, como símbolos, informações sonoras, táteis, entre outras, para compreensão de usuários com dificuldade de audição, visão, cognição ou estrangeiros.
- Disponibilizar formas e objetos de comunicação com contraste adequado.

- Maximizar com clareza as informações essenciais.
- Tornar fácil o uso do espaço ou equipamento.



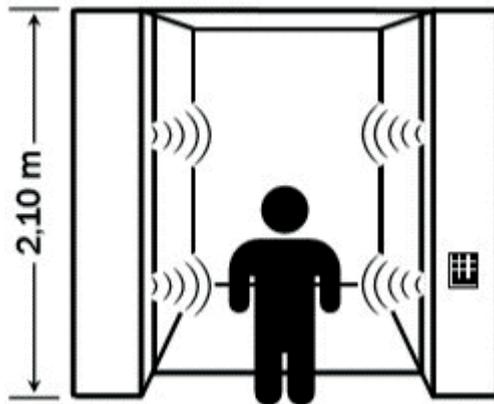
- Utilizar diferentes maneiras de comunicação, tais como símbolos e letras em relevo, Braille e sinalização auditiva.

Fonte: GABRILLI, Mara. Desenho Universal – Um Conceito para Todos.

Disponível: https://www.maragabrilli.com.br/wp-content/uploads/2016/01/universal_web-1.pdf

5 Tolerância ao erro (segurança): que tolera, perdoa. Sensibilizado ao erro.

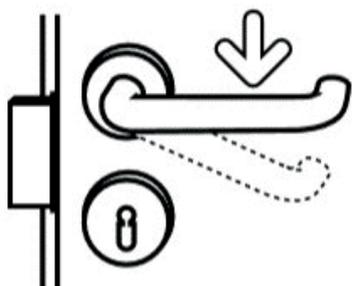
- Considerar a segurança na concepção de ambientes e a escolha dos materiais de acabamento e demais produtos — como corrimãos, equipamentos eletromecânicos, entre outros — a serem utilizados nas obras, visando minimizar os riscos de acidentes.
- Elevadores com sensores em diversas alturas que permitam às pessoas entrarem sem riscos de a porta ser fechada no meio do procedimento e escadas e rampas com corrimão.



Fonte: GABRILLI, Mara. Desenho Universal – Um Conceito para Todos. Disponível em:
https://www.maragabrigli.com.br/wp-content/uploads/2016/01/universal_web-1.pdf

6 Esforço físico mínimo: economiza energia, fácil manipulação.

- Dimensionar elementos e equipamentos para que sejam utilizados de maneira eficiente, segura, confortável e com o mínimo de fadiga.
- Minimizar ações repetitivas e esforços físicos que não podem ser evitados.

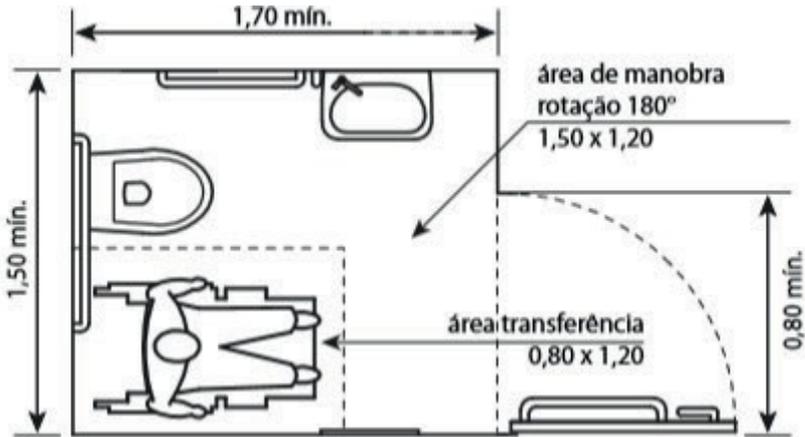


Maçanetas tipo alavanca, que são de fácil utilização, podendo ser acionada até com o cotovelo. Esse tipo de equipamento facilita a abertura de portas no caso de incêndios, não sendo necessário girar a mão.

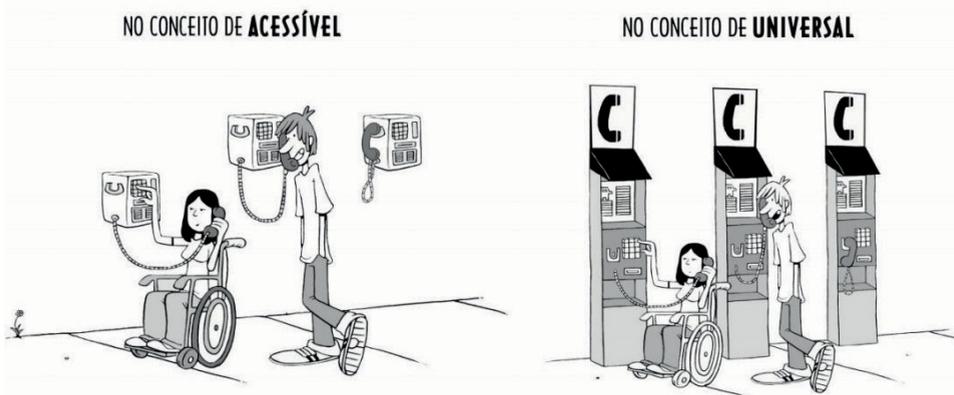
Fonte: GABRILLI, Mara. Desenho Universal – Um Conceito para Todos. Disponível em: https://www.maragabrilli.com.br/wp-content/uploads/2016/01/universal_web-1.pdf

7 Dimensionamento de espaços para acesso e uso abrangente: que estabelece dimensões e espaços apropriados para o acesso, o alcance, a manipulação e o uso.

- Permitir acesso e uso confortáveis para os usuários, tanto sentados quanto em pé.
 - Possibilitar o alcance visual dos ambientes e produtos a todos os usuários, sentados ou em pé.
 - Acomodar variações ergonômicas, oferecendo condições de manuseio e contato para usuários com as mais variadas dificuldades de manipulação, toque e pegada.
 - Possibilitar a utilização dos espaços por usuários com órteses, como cadeira de rodas, muletas, entre outras, de acordo com suas necessidades para atividades cotidianas.
 - Banheiros com dimensões adequadas para pessoas em cadeira de rodas ou as que estão com bebês em seus carrinhos.



Fonte: GABRILLI, Mara. Desenho Universal – Um Conceito para Todos. Disponível em: https://www.maragabrilli.com.br/wp-content/uploads/2016/01/universal_web-1.pdf



Fonte: CASA ADAPTADA. Disponível em: <https://casadaptada.com.br/2015/04/o-que-e-arquitetura-acessivel-e-o-conceito-de-desenho-universal/>

Voltando esses conceitos para a escola e a sala de aula, o ambiente precisa ser acessível de forma física, sensorial e cognitiva e isso vai além do acesso e interfere também na permanência e na produtividade de cada aluno.

A primeira vez que uma pesquisa⁶ confirmou que o ambiente de aprendizagem de fato impacta no desenvolvimento do aluno foi em 2013, através de um estudo realizado por pesquisadores da Universidade de Salford, em Manchester, e arquitetos do escritório *Nightingale Associates*:

[...]a forma como a sala de aula é desenhada, de fato, impacta no desenvolvimento do aluno. E não é pouco: ao longo do ano letivo, o progresso do estudante pode ser 25% maior ou menor, a depender de seu espaço de aprendizagem.

[...] Depois de um ano de análises, os pesquisadores descobriram que seis dos parâmetros de design - cor, escolha, conexão, complexidade, conexão e luz – tiveram efeitos significantes nas notas que os alunos tiveram. Os resultados mostram também que 73% da variação no desempenho dos alunos pode ser explicada pela variação de algum dos parâmetros analisados no estudo. O professor Peter Barrett, principal autor do estudo, ressaltou à *University of Salford* o ineditismo dos resultados. “Há muito tempo se sabe que vários aspectos físicos impactam as pessoas, mas esta é a primeira vez que uma avaliação holística relaciona, com sucesso, o impacto geral às taxas de aprendizagem nas escolas. O impacto identificado é, de fato, maior do que imaginávamos.

Importante ressaltar que a pesquisa anterior foi feita com foco em alunos neurotípicos, o resultado de uma amostragem em um público que tem que traspôr barreiras cognitivas e sensoriais seria ainda mais significativo.

De acordo com o DSM-V, dentro da díade do TEA, temos os déficits na comunicação e interação social e Padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses e atividades, que englobariam os tipos mais difíceis de acessibilidade, o cognitivo e o sensorial. Difíceis por não serem tão óbvios quanto um cadeirante em frente a uma escada. Vamos deixar

⁶ Design da sala de aula afeta em 25% o desempenho do aluno. Disponível: <https://www.unimedvtrp.com.br/design-da-sala-de-aula-afeta-em-25-o-desempenho-do-aluno/> Acessado: 21 de dezembro de 2019.

claro que tanto a escada para o cadeirante quanto a dificuldade de compreensão de um ambiente têm igualmente de ser transpostos, mas o segundo passa despercebido mais facilmente, onde essas barreiras cognitivas podem lhes ser impostas muitas vezes sem que se perceba.

Daí vem a necessidade, e quem convive com alguma pessoa com autismo já sabe disso por experiência, da antecipação de acontecimentos (devido sua dificuldade de orientação temporal), por exemplo.

Além da porcentagem esmagadora de pessoas com autismo que possuem alterações do sistema sensorial, onde habilidades de processar e organizar informações recebidas do meio ambiente são deficitárias, podendo oscilar de hipo a hiper-reativos em todo sistema sensorial, resultando em respostas indesejadas nas mais diversas situações e lugares.

Muitas vezes tais comportamentos são relacionados exclusivamente ao ambiente escolar, pelo grande número de estímulos, mas é importante que se saiba que mesmo o lar do indivíduo possui tais estímulos, diferindo somente o fato de ser algo conhecido e muitas vezes com maior facilidade de manipulação e ajuste.

É comum observar, em crianças com autismo, comportamentos em decorrência da dificuldade de processamento, tais como colocar as mãos nos ouvidos por causa de determinado som, correr de um lado para o outro, pular de certos lugares como se não apresentassem noção de riscos. São crianças que muitas vezes estão em busca de informações sensoriais para sentir seu corpo no espaço.⁷

A Integração Sensorial é um processo neurológico em que o sistema nervoso central organiza as informações recebidas do ambiente, ele será visto de forma detalhada em capítulo posterior. O importante aqui é sabermos desta importante alteração, que, somada às dificuldades cognitivas, serão as mais relevantes no acolhimento do indivíduo com TEA.

⁷ DORNELES, Nara. **Autismo e escola**. Psicologias do Brasil. Disponível: <https://www.psicologiasdobrasil.com.br/autismo-e-escola/> Acessado: 21 de dezembro de 2019.

Afinal, a partir do momento que sabemos que um aluno tem questões sensoriais alteradas, temos de repensar também questões logísticas e arranjos em sala de aula os quais cores, organização (objetos fora do lugar costumam desconcentrá-los) movimentos(móviles, ventilador, papéis presos por somente uma ponta...), sons (ventilador, ar-condicionado, colegas, carteiras e cadeiras arrastadas, timbre e volume da voz do professor(a) e iluminação (luzes fluorescentes costumam incomodar, cortinas costumam resultar em menos sombras) podem sobrecarregar o sistema sensório-motor desse público, dificultando ou inviabilizando aprendizados de qualquer espécie. Aqui, o que temos à nossa disposição são recursos ergonômicos, que facilitam e viabilizam atividades, já tão utilizados em salas de aula, principalmente em séries iniciais como lápis e tesouras adaptados. Todo desenho Universal é baseado na Ergonomia, que nada mais é do que o prestar atenção nas particularidades do corpo/ indivíduo e suas respostas ao meio. E quando falamos em Ergonomia, algo que ela pode contribuir muito e nem sempre é explorado em sua totalidade é a questão da comunicação.

Em comunicação a percepção é o agente decisivo para seu sucesso. Para qualquer indivíduo. Então, para pessoas com TEA, o cuidado como a informação é passada é ainda mais importante. Porque aqui englobamos desde um pedido de água até as pistas visuais para saber qual é o banheiro certo ou qual caminho seguir para chegar a biblioteca. Artifícios como signos 'clean', com poucas informações facilitam sua acuidade. Tamanho, contraste figura-fundo, diagramação e organização da informação como um todo são importantes para sua legibilidade. A cor de papel que se usa, a cor das linhas o tipo de fonte utilizada. Sabe-se que o uso de um filtro verde ajuda a leitura de disléxicos, por exemplo.

Vamos pegar um indivíduo que precisa que seu armário seja arrumado de forma a suas roupas serem dobradas do mesmo tamanho, cabides todos iguais e suas roupas organizadas de acordo com sua cor, caso contrário se desorganiza. Não parece coerente que uma boa diagramação, cuidado no uso de cores e tipos de imagens em um trabalho ou aula expositiva possa fazer diferença na sua apreensão do conteúdo em questão?

É importantíssimo conhecer e saber como realizar os cuidados para este público com olhar e cuidado biopsicossocial, e principalmente sem preconceito, abordando suas necessidades educacionais e de saúde em cada momento do seu desenvolvimento.

Percebe-se que se a inclusão não acontece, o aluno com TEA, por exemplo, pode ter sua saúde mental alterada. Sendo que para uma efetiva inclusão precisamos pensar em parâmetros como iluminação, temperatura, barulhos/som ambiente, comunicação eficiente para cada indivíduo. Onde a falta de acessibilidade muitas vezes não impede o acesso, mas sua permanência, acarretando em desorganizações que parecem não terem uma fonte lógica. Sendo que pode ter sido desencadeada pela falta de acessibilidade do ambiente.

Muitos dos profissionais que os acompanham não conseguem compreender os comportamentos característicos do autismo, as estereotípias, necessidade de auto regulação, necessidade de deambular pelos espaços.

Isso altera a rotina da sala de aula e pode levar a situações de crise para o aluno com TEA. Pois, como a maioria das pessoas se tem uma imagem do autista de uma criança isolada no seu canto, balançando o corpo e olhando incansavelmente para seus dedinhos a se mexer, é um exemplo clássico, mas não representa a totalidade do espectro.

Essa cena ilustra parte das pessoas com esse tipo de funcionamento mental, mas, como estereótipo, é capaz de deixar marcas e estigmas.

Com esta visão generalizada não se percebe o ser humano que está em sua frente necessitando de um olhar e cuidado biopsicossocial e principalmente sem preconceito, capaz de compreender suas necessidades educacionais e de saúde naquele momento.

Compreender esse transtorno pode ser relativamente simples quando estamos dispostos a nos colocar no lugar do outro, a buscar a essência mais pura do ser humano e a resgatar a nobreza de realmente conviver com diferenças. E talvez seja esse o maior dos nossos desafios: aceitar o diferente e ter a chance de aprender com ele.

Assistir o indivíduo com TEA constitui-se em um grande desafio.

Esta é a motivação para relatarmos a atuação do profissional de saúde e do professor frente ao atendimento do indivíduo com TEA. Dados estatísticos e pesquisas têm mostrado a prevalência de crianças com Transtorno do Espectro Autista o que evidencia a necessidade das escolas se adaptarem a este perfil de aluno, das equipes de saúde, melhor se prepararem para a integralidade e saúde mental desta clientela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, André Felipe de. **Diário de uma escola**. 1. ed. Blumenau: 3 de maio, 2018.

BRASIL. **Lei nº 12.764/2012, de 27 de dezembro de 2012**. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF: Congresso Nacional, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 23 de agosto de 2019.

BRASIL. **Lei 8.069 de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Rio de Janeiro. Expressão e cultura 1990.